

O OUTRO LADO DA CIDADE A INVISIBILIDADE SOCIAL DO CATADOR DE LIXO: UMA PROPOSTA DE INTERLOCUÇÃO ENTRE ENSINO E GESTÃO URBANA

Helena Edilamar Ribeiro Buch¹

Resumo: A investigação proposta nesta pesquisa, tem como tema o outro lado da cidade, que está invisível, a semântica negativa do olhar que enxerga, mas não vê os trabalhadores do lixo. Definiu-se como objetivo geral da investigação, refletir sobre as potencialidades da intermediação didática na construção de conceitos referentes ao lixo na vida urbana, através das práticas nos modos de abordar esse tema no ensino para alunos da licenciatura em Geografia na disciplina de Metodologia de Ensino. A abordagem metodológica adotada é da investigação qualitativa, na modalidade de pesquisa-ação, com apoio em diário de campo. No texto são tratados os dados referentes à pesquisa bibliográfica na área, a partir de algumas questões: Como vivem os catadores de lixo das áreas urbanas? O que está subjetivo no imaginário ligado ao lixo? Os resultados apontam através de uma diagnose ambiental da cidade com enfoque no ensino da Geografia, uma realidade de exclusão social destes trabalhadores urbanos.

Palavras-Chave: mediação didática; trabalhadores de rua.

INTRODUÇÃO

O espaço urbano das cidades, construído artificialmente, reflete as atividades da população suas redes de convivência, vocação econômica, conforme estágio da industrialização que depende da energia, do comércio, da circulação de mercadorias, da viabilidade do trânsito, da comunicação, pelos grupos políticos. Ao que nos parece tudo é articulado pela ação humana, que controla a evolução, promovendo progresso, mas também promove injustiças e segregação social, privilegiando grupos conforme interesse financeiro dos poderes econômico e político assim os relacionamentos desenvolvem-se dentro das territorialidades das cidades nas comunidades, nos bairros, nas famílias, no sentido de pertencimento a esses grupos sociais (SANTOS 2003).

Na geografia das cidades, são visíveis as diferenças sociais no espaço físico, evidenciadas no lugar de moradia das famílias, refletindo o poder aquisitivo, características externas que evidenciam o poder que se pode pagar para morar. A maioria das cidades no Brasil cresceu espontaneamente, e a população carente foi empurrada para áreas desprezadas pelo corpo imobiliário, normalmente em ambientes de risco, ou sem infraestrutura, em situações de abandono, onde os moradores lutam para encontrar formas de suportar, resistir e superar a condição de dificuldades, buscando novas formas de sobrevivência através do subemprego. (SANTOS 2008).

Nossa pesquisa identificou que coletar e transportar material reciclável do lixo, são atividades nas quais predomina a informalidade, porém os demais processos ao qual se destina o lixo, que compõem o mercado da reciclagem que propiciam mais rentabilidade, o catador não faz parte. Quando não se

¹ Doutora em Educação, UNESPAR- Universidade Estadual do Paraná, ramalide2018@gmail.com

encontra nenhuma atividade remunerada na busca incessante de recursos mínimos para sobreviver, vencidos pela veemência das necessidades básicas, como morar e comer, desempregados habitantes das áreas urbanas encontram no lixo entre rejeitos e restos uma saída para a sobrevivência um subemprego, comum nas cidades é a coleta de material reciclável no lixo urbano. Porém a discriminação da sociedade em relação ao lixo é muito forte, o que desencadeia uma convivência negativa de desvalorização deste trabalho. Isto dificulta a formação de redes de cooperação entre catadores, consumidores e compradores. Existe uma ojeriza, um nojo pelo trabalho com o lixo, e isto coloca o catador em uma situação de exclusão social, que esfria as relações do catador e de sua família com a sociedade, reflexo da falta de prestígio profissional, desencadeando efeitos psicossociais em relação à própria existência, mesmo que seja um trabalho desgastante que exige dedicação pela ocupação; suas condições econômicas e de trabalho adversas interagem contra a formação de laços de colaboração com a sociedade. (MEDINA, 2007).

A abordagem metodológica adotada é da investigação qualitativa, na modalidade de pesquisa-ação, com apoio em diário de campo. No texto são tratados os dados referentes à pesquisa bibliográfica na área, a partir de algumas questões: Como vivem os catadores de lixo das áreas urbanas? O estudo da realidade social invisível pode ser significativo para o ensino? Os resultados, até o momento, correspondem a uma proposta metodológica para o ensino da Geografia urbana assim como para o levantamento de conceitos para subsidiar esta realidade. Nossa pretensão foi de contribuir com o ensino da Geografia no sentido de auxiliar na compreensão da subjetividade impressa na paisagem urbana na forma de representação do espaço geográfico, dos problemas urbanos

Finalmente, o que se destacou nesta pesquisa foi a mediação entre ensino liberdade e igualdade, que pode produzir sentidos e significados que valorizem a convivência humana. A injustiça social sofrida pelos catadores pode encontrar apoio em novas perspectivas no ensino para vencer o sofrimento, estigmas, preconceitos e violência moral. Semeia-se esperança de melhoria na qualidade de vida considerando que a existência de informações de cada ambiente social pode completar o outro e gerar um aprendizado.

VIVER DO LIXO OU NO LIXO ? COMO VIVEM OS CATADORES ?

O desemprego e a busca de alternativas para suprir as necessidades imediatas, como alimentar-se e morar, encontram formas de sobrevivência, e entre elas figura a atividade com o lixo, muito rejeitada como trabalho o que os expõe a preconceitos e baixa autoestima. Os desempregados tornaram-se trabalhadores de serviços gerais, conforme descrito por Bauman (2005, p. 20): “[...] o espaço semântico de rejeitos, dejetos, restos, lixo como refúgio”. Os desempregados formam um verdadeiro grupo de reserva de mão de obra, por não encontrarem alternativas, acabam nos depósitos de dejetos, nas ruas e

nos lixões. Esta realidade no lixo e a degradação em que vivem famílias inteiras, inseridas nesse contexto de pobreza, lixo e abandono está descrita a seguir:

[...] gera transtornos psicológicos e psiquiátricos e desintegração social, originando muitas patologias como doenças infecciosas, degenerativas, cardiovasculares, crises de ansiedade, depressão, síndrome do pânico, dependência química e exacerbação da violência (MORAES E SIQUEIRA, 2007, p. 2118).

A principal característica que marca a escolha do trabalho com o lixo é o desemprego. O trabalho é muitas vezes iniciado junto com a família (mesmo não sendo sanguínea), quando todos ajudam nas despesas de casa desde muito cedo, na infância. A pobreza e a degradação humana estão associadas aos assentamentos precários, ao subemprego e à subnutrição. São famílias inteiras envolvidas na coleta de materiais descartáveis, armazenando os recicláveis, e o restante é refugado, muitas vezes depositado nos locais onde moram. Normalmente estes lugares onde vivem são de difícil acesso a instituições sociais como postos de saúde e escolas; em muitos casos essas crianças e adolescentes estão fora da escola ou frequentam-na irregularmente, isso carece de demandas urgentes de políticas públicas que possibilite demandas para a inserção desta população na escola.

Se o espaço é produzido socialmente, a degradação social é resultado do impacto e da forma como os homens e seus pares se relacionam com o ambiente, refletindo-se num espaço visivelmente desigual nas redes de relacionamento nas cidades (SANTOS, 2008). O espaço de circulação é diferenciado, retratando bairros de nível social elevado, com o máximo de infraestrutura, ruas planejadas com jardins, árvores ornamentais, calçadas com granito e pavimentação de boa qualidade, onde a presença dos catadores de lixo, que coletam as sobras depositadas no lixo, é contrastante. Fica visível que eles não pertencem a essa rede de relações, ficam expostas as carências deste grupo social, cujos membros depois retornam para suas moradas ou abrigos, para uma realidade oposta àquela onde estão de passagem. A realidade é fria e sem esperanças, sem oportunidade ou propostas de melhoria de vida, a não ser recomeçar todos os dias a mesma atividade, com diferenças apenas nas novas situações e dificuldades. (JUNCÁ, 2004; MACIEL, 2011; PORTO *et al.*, 2004).

As disparidades nas redes de relações entre esses dois tipos de espaços físicos das cidades destacam distintas formas de viver, com relações de discriminação latentes, em pólos opostos e de tensão. Os ricos em mansões, e os pobres em lugares improvisados (casebres) frágeis às intempéries, que muitas vezes não possuem divisórias, ou espaços divididos em duas partes; a acomodação não é suficiente para o tamanho da família, sem água encanada e sem esgoto. (SANTOS, 2008).

Para incluir-se nesta ocupação como autônomo não se apresentam barreiras, organização ou seleção; pode-se inserir nesta atividade, por meio dos amigos ou parentes distantes, ou até mesmo da própria família, ajudando mãe e pai, na subsistência, trilhando os mesmos caminhos, aproveitando-se da experiência ou de inclusão perversa no mercado informal sem direitos. A condição de desigualdade social nas cidades é visível na paisagem de exclusão de benefícios sociais e serviços públicos, dividindo-se entre

cidade dos ricos e cidade dos pobres. O descaso chega ao isolamento; ignora-se que nestes locais se luta pela sobrevivência, e há pessoas que descobrem recursos para se sustentarem no lixo. Para Maciel *et al.*(2011), os catadores reconhecem a condição de exclusão, a falta de oportunidades no mercado, e como são vistos.

Nesta precariedade do trabalho e da vida em famílias de catadores de recicláveis em Fortaleza, marcados por carência de toda a ordem. A construção de moradias em áreas de risco, sem infraestrutura, pode ser fotografada nas cidades brasileiras, expondo suas favelas como registro da desordem e disparidade social na população. Essa população pobre, que inventa maneiras de sobreviver, mora entre amigos, inimigos, conhecidos, desconhecidos, família ou não, como espectadores da cidade dos ricos que se ergue na paisagem luxuosa de concreto. “Mais que uma luta pela sobrevivência, o dia a dia dos catadores pode ser pensado como um espaço dinâmico onde convivem limites e possibilidades.”(JUNCA, 2004, p.84).

Nessa situação de exclusão social, os catadores encontram apoio e ajuda na família, em suas redes de convivência. Unidos pelo desamparo social, encorajam-se no grupo que se apóiam e se fortalecem. Destaca-se que as famílias nem sempre são sanguíneas, podendo ser adotadas por afinidade, ou por obrigações definidas pelo grupo. Assim, “são da família aqueles com quem se pode contar, quer dizer, aqueles em quem se pode confiar” (SARTI, 1996, p. 358). A maioria dos catadores tem a família como referência fundamental, embora nem sempre possuam uma família estruturada por mãe, pai e filhos, mas são pessoas que dividem o mesmo espaço de moradia e de luta cotidiana no trabalho. A convivência das crianças dessas famílias é caracterizada pela baixa proteção, crescendo num ambiente de pobreza onde enfrentam desde os primeiros anos de vida um ambiente de lixo, brincando em becos ou nos espaços onde o lixo é trazido para ser classificado. Muitas mães (catadoras), para proteger seus filhos, mantêm-nos em casa num espaço pequeno, muitas delas aceitam esta situação e outras ficam agressivas. Estando em casa, essas crianças acabam assumindo trabalhos precocemente, pequenos tarefas e até tarefas de responsabilidade, como cuidar de irmãos menores; outros acompanham os pais catadores, executando atividades nas ruas. (MACIEL *et al.*, 2011).

Em meio às dificuldades sofridas em conjunto, destacam-se os laços afetivos, o que promove forças para superar as adversidades enfrentadas, a carência financeira, problemas de saúde nas relações com o ambiente do lixo e a violência, a marginalidade, o tráfico de drogas. As mães catadoras compartilham com amigos, vizinhos e parentes a guarda de seus filhos. Muitas vezes fazem um rodízio, cada dia uma das mães do grupo fica com as crianças, o que não significa cuidar, pois elas trabalham em outras atividades. Estas mulheres catadoras, dividem o tempo numa dupla jornada de trabalho, desde as tarefas de limpar, cozinhar e lavar sua moradia e paralelamente separar o lixo reciclável do lixo que trouxeram das ruas, reunirem tudo para depois ser pesado e vendido. (CHAVES, 2011; LEONE; MAIA; BALTAR, 2010).

O desemprego, a necessidade de trabalhar, a responsabilidade e o amor pela família lançaram a

mulher no trabalho da reciclagem como saída para criar seus filhos. A informalidade e a liberdade para fazer seus horários por conta própria facilitam as atividades de mãe e de catadora, porém o preconceito e o descaso social da profissão atingem homens, mulheres e os filhos dos catadores. Muitas famílias, sem escolha, acabam refugiadas em locais de coleta de lixo. Para melhorar a renda familiar, ou garantir a sobrevivência dos componentes da família, aposentados voltam a trabalhar clandestinamente catando lixo. Para ajudar no sustento da família, crianças e adolescentes também ajudam os mais velhos, uns pelo grau de parentesco sanguíneo ou por afinidade e retribuição, outros buscando abrigo. Conforme as pesquisas de Leone, Maia e Baltar (2010, p. 60) “a família é a esfera responsável pela qualidade de vida de seus membros”. Há participação e envolvimento de todos nas atividades, para reunir o que conseguem e depois partilhar os parcos ganhos, dividindo o mesmo espaço, e principalmente as dificuldades.

As pesquisas demonstram que a maioria destes trabalhadores teria nascido na família de catadores, iniciando nesta atividade pela indicação de parentes. (SANTOS; SILVA, 2011; CARMO, 2009; MACIEL *et al*, 2012; SILVA, 2006).

Neste envolvimento, desde muito cedo, as crianças que acabam participando das atividades dos catadores adultos e sem saber entre uma brincadeira ou outra acabam se envolvendo no trabalho, catando o lixo, correm sérios riscos próprios desta atividade. A atividade de catar no lixo materiais recicláveis requer dedicação e esforço. Para isso é necessário procurar, recolher, transportar, separar, empilhar, enfardar e vender. O catador que gasta horas nas ruas buscando os rejeitos necessita de ajuda, que é normalmente prestada por sua família, ignorando que nesse trabalho os menores acabam explorados, absorvidos pelo trabalho, e expostos a riscos. Muitos catadores entendem que há insegurança em deixá-los em casa, temendo que sofram violência, e acreditam que é na infância que se aprende a trabalhar. É também uma maneira de proteger seus filhos (FERRAZ; GOMES, 2012).

Os índices do IBGE (2010) mostram que as mulheres estão assumindo a responsabilidade de conduzir suas famílias, mesmo com a existência do cônjuge. A mesma pesquisa destaca a presença de aproximadamente 70 mil crianças que são sustentadas através da coleta de material reciclável no lixo, refletindo o trabalho das catadoras, na coleta, transporte e classificação dos materiais que podem ser reciclados. Ainda enfrentam o descaso e preconceito do trabalho com lixo, com o agravante de que no mesmo trabalho as mulheres recebem valores inferiores aos dos homens.

O relacionamento entre o catador e a população é quase nulo, as pessoas ignoram a importância ambiental de suas atividades, tratando-os como se fossem invisíveis, relacionando-os aos objetos descartados e por eles recolhidos. Isto dificulta as relações de amizade e colaboração entre os consumidores produtores de lixo e os catadores. Este sentimento é transferido a seus filhos e às crianças que convivem com os catadores, enfrentando estigmas e preconceitos. O reconhecimento pode gerar iniciativas que os libertem desta condição de oprimidos (PORTO *et al*, 2004). Para Velloso; Santos; Anjos, (1997) a visão social deste grupo de trabalhadores, que vivem da cata de material reciclável no lixo, sua própria auto-imagem é negativa, dificultando as relações com a sociedade, sem prestígio profissional

que supere o mal-estar psicossocial, pois se sentem desvalorizados e envergonhados socialmente por trabalharem com o lixo. (SANTOS; SILVA, 2011; VELLOSO; SANTOS; ANJOS, 1997).

RESULTADOS E DISCUSSÃO; O QUE ESTA SUBJETIVO NO IMAGINÁRIO LIGADO AO LIXO.

O fato de a pessoa ser um catador, ou catadora, remete à idéia de trabalho com lixo, que é sujo, desorganizado, estragado, imprestável, inútil, ou resto, acabado, velho e ligado a doenças. Tudo isso atribui significado negativo à função e ao trabalho dessas pessoas que não encontraram outra opção para seu sustento a não ser a catação de resíduos. Com tudo isso, mesmo sabendo destes julgamentos sobre sua atividade, o catador ainda se equilibra no mal-estar de trabalhar com o lixo, por entender que se distingue dos desempregados, andarilhos sem destino, repudiados, visto que estes transmitem insegurança nas ruas, e são classificados como bandidos ou assaltantes. Já o catador, faz parte de uma “limpeza” da cidade, e por isso considera-se um trabalhador. “A identidade profissional se apresenta como possibilidade de inclusão social.” (SOUSA; MENDES, 2006, p.37). A negatividade está no descaso da população que acaba impregnando o catador de estigmas, desprezo e omissão, tornando invisível e descompromissada a relação da sociedade com este trabalhador. O significado do lixo afasta, isola da convivência e do relacionamento, ignorando a existência desse trabalhador, o que facilita o não comprometimento com seus direitos como cidadãos. Esta classificação negativa do lixo pelas pessoas revela a discriminação que expõe o catador ao preconceito, contribuindo para a formação de um sentimento de inferioridade e sofrimento, no seu estado de ser. Ele trabalha sem expectativas de melhorar sua vida; isto acaba diminuindo-o. (SOUSA; MENDES, 2006; OLIVEIRA; 2006; DALL’AGNOL; FERNANDES, 2007)

Com o acúmulo de lixo produzido pelo excesso de bens descartáveis houve a necessidade de afastá-lo dos centros urbanos criando-se os lixões onde o mesmo é depositado. O Brasil possui 2.906 lixões cadastrados distribuídos por 2 810 municípios (IPEA, 2013), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, conforme seus registros, não computando os lixões espalhados em terrenos baldios que não são controlados, reflexo do descaso da administração de saúde pública e da população. Entre tantos no Brasil, o lixão do Jardim Gramacho foi considerado o maior no Brasil e na América Latina. Fica situado no município de Duque de Caxias no Rio de Janeiro, foi fechado em 2012 depois de 34 anos de funcionamento, onde trabalhavam 1 200 catadores diariamente. Homens e mulheres sofriam preconceito em relação a sua identidade social pela mídia. A produção de lixo no Brasil equivale a 240 mil toneladas de lixo por dia (IPEA, 2013), aproximadamente, e vem crescendo diariamente. Com ele cresce a necessidade de viabilizar cuidados com o destino do lixo e com a população que trabalha com ele. Destacamos a ECO-92, no Rio de Janeiro, que entre outros documentos produziu a Agenda 21, com sua previsão e ações sobre o desenvolvimento com justiça social e combate à pobreza, características estas

encontradas nos catadores de lixo, opção de trabalho informal que desencadeia reflexos negativos sobre a atividade. Alguns catadores preferem negar a realidade de sua identidade à família ou amigos para não sofrerem desprezo por seu trabalho, por não terem conseguido outra função, tendo que se sujeitar a catar lixo. Eles contam com sua própria sorte permanecendo nessa situação ou sem opção encontrar outro emprego, ou sem opção aceitam essa realidade. (MIURA; SAWAIA, 2013; CUNHA, 2012). Existe ainda um sentimento de não serem bem vindos em determinados lugares, muitas vezes são humilhados. Mesmo nesta situação continuam no mesmo trabalho por não terem saída, e por acreditarem que para manter a cidade limpa e organizada são necessários, mesmo como desprezados. Conforme descrito: “As emoções mais frequentes são a vergonha e a humilhação, decorrentes, sobretudo da discriminação e do preconceito (MIURA; SAWAIA, 2013, p.331).

De outra forma, para Miura e Sawaia (2013), a positividade da oportunidade de ser catador e tirar do lixo reciclável sua sobrevivência significa dar valor ao lixo, que coloca comida na mesa e paga as contas básicas; isto inverte o sentido do lixo de negativo para positivo. Este olhar positivo por parte dos catadores não minimiza as condições precárias e de riscos próprias deste trabalho. Partindo deste aspecto essas pessoas, embora sobrevivam do lixo, possuem uma ocupação pela qual se identificam como desvalidos, e são somente respeitados no seu território, entre outros iguais (CUNHA, 2012). Contudo não é apenas o preconceito e a precariedade que multiplica suas dificuldades, mas também a competição pelos resíduos sólidos valorizados no mercado de recicláveis na atualidade. Conforme define Carmo (2009, p. 593), a “commoditização do lixo. O trabalho com o lixo está dividido em semântica negativa do lixo, referindo-se aos estigmas e dificuldades relacionadas ao nojo do lixo (referindo-se a aparência e odor) e semântica positiva, vinculada a algo que ainda tem utilidade, que pode retornar ao ciclo produtivo comercial e por isso é valorizado pelas recicladoras; com isso os catadores passam a disputar o material reciclável com grupos organizados em empresas recicladoras em franco desenvolvimento.

No Brasil, existe por um lado uma sociedade moderna, com uma economia industrial, que inclui apenas uma parcela privilegiada da população. O mesmo tempo, no mesmo território e na mesma cidade, uma sociedade primitiva, de um miserável setor terciário marginal oferecendo seu trabalho por quase nada. Segundo o IBGE (2010), cerca de 10% dessas famílias brasileiras encontra-se em estado de miséria, com rendimento per capita inferior a um salário mínimo. A concentração da riqueza fica nas mãos de 1% da população que leva uma vida semelhante à vida nos países ricos na Europa, enquanto que a imensa maioria enfrenta situações semelhantes aos países da África. Para Moraes e Siqueira (2007), a existência dos catadores de materiais recicláveis em uma sociedade pode revelar a condição de disparidades sociais, marginalização e preconceito. Estas circunstâncias nos remetem a todo o contexto histórico-político da colonização, ao desenvolvimento seguido da urbanização no Brasil, que está ligada de modo inseparável à indústria de bens não duráveis, característica das indústrias dos países subdesenvolvidos. O crescimento vegetativo das cidades e o número de habitantes não se refletiram em empregos formais, o que favoreceu

o surgimento de um exército de reserva de desempregados que ocupam temporariamente qualquer oferta de ganhos (SANTOS, 2005).

Para Bosi (2008, p. 67), neste país as indústrias de reciclagem estruturam-se na mão de obra barata dos catadores, que não cobram vínculos ou despesas para essas indústrias. Efetuam o trabalho submetendo-se a riscos cobrando minimamente por isso.

Os catadores têm formado uma “superpopulação relativa de trabalhadores” que, atualmente, é recrutada e ocupada aparentemente sob a forma de “trabalho por conta própria” ou “autônomo”. Isto significa dizer que são acionados para ocupações cujo trabalho, embora não seja vendido sob a forma de salário e de uma jornada sistemática, tem sua organização realizada pelo capital. (BOSI, 2008, p.106)

Para este autor, os trabalhadores fazem parte de uma população clandestina que compõe uma população reserva que aceita condições degradantes, ocupando-se do lixo como matéria-prima de seu trabalho. Para muitos catadores, sua atividade é desprezada, e por isso têm dificuldade de explicar por que trabalham com lixo; mesmo os que trabalham dentro das associações não têm oportunidades para decidir sobre suas funções. Uma forma de inverter a maneira e a identidades desses trabalhadores seria as associações, e comunidades que poderiam ser consideradas uma ponte para a inserção no mercado de trabalho formal. Conforme descreve Cunha (2011), “o catador associado luta para demonstrar que tem ficha limpa, que não tem problemas com a polícia, o catador de rua é visto pela sociedade como um marginal” (p.56). Mas trabalhando nas cooperativas sentem-se valorizados como parte da sociedade produtiva, tanto pelas recicladoras como pela própria população, que passa a respeitar sua atividade e também o trabalhador. Em sentido contrário, na análise de Pereira *et al.* (2012), o fato do catador ser trabalhador em uma cooperativa ou associação não muda o preconceito que ele enfrenta, no olhar das outras pessoas. Conforme descrito a seguir:

Nesse cotidiano, os catadores trazem consigo as marcas de uma realidade que se mostra viva em cenas perversas, sentindo-se desamparados. Marcados pela imagem de sujo, com odor fétido no corpo e nas roupas, impregnados com o próprio produto das incansáveis horas de seu trabalho, são alvo de preconceito e exclusão da sociedade, estigmatizados como o lixo que revolvem e manuseiam no cotidiano. (PEREIRA *et al.*, 2012, p.44)

Muitos dos catadores tentam mascarar as atividades que executam com o lixo, justificando que seu trabalho colabora para um ambiente melhor e mais limpo. Visto desta forma estão prestando um serviço à comunidade, que não deixa de ser uma atividade qualquer do setor terciário. Isto sinaliza que as atividades do setor terciário englobam 53% da população economicamente ativa no Brasil, porém inserem atividades com disparidades acentuadas, pessoas com mão de obra especializada ocupando cargos importantes de prestação de serviços, mas também pessoas sem nenhum preparo exercendo atividades mais conhecidas como subemprego, reflexo do crescimento urbano que não acolheu a mão de obra no mesmo nível de planejamento das cidades, ocasionando uma hipertrofia do setor terciário que concentra os biscateiros, vendedores de rua, camelôs e outros (IBGE, 2010). No caso dos catadores, a baixa exigência dá margens a um grande número de pessoas, intermediárias de serviços gerais,

vincularem-se nesta atividade mesmo sendo considerada negativa e depreciada, porque trabalha com o que não tem mais utilidade. Estas características são transferidas sob a forma de preconceito e exclusão social para quem dela se ocupa diariamente.

Proposta de Interlocação entre Ensino e Gestão Urbana

No Ensino de Geografia não podemos pensar em algo pronto acabado que vise servir apenas para memorizar como ocorria tradicionalmente, mas desenvolver uma seleção de conhecimentos e conceitos que pode somar outras discussões acadêmicas, resultados de outras investigações e contribuições permeados pela dinâmica da sociedade, no sentido de propiciar o iniciante na docência a ter uma visão da complexidade social urbana principalmente a população que vive sobre exclusão e riscos no cotidiano da vida urbana em seu trabalho. A articulação entre realidade local, capacidade e a liberdade de pesquisa do professor e do acadêmico são fundamentais para o perfil do trabalho a ser desenvolvido no processo ensino aprendizagem e na proposta de interlocação entre ensino e compreensão da gestão da cidade atinjam o objetivo. Para a construção de saberes de iniciação a docência no ensino da Geografia nos baseamos em diferentes momentos de experiências significativas. Identificar, o lugar onde se vive consideramos a base para ensinar a ter compreensão de mundo. Neste sentido FREIRE (2000) escreve; “a leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não passa prescindir da continuidade da leitura daquele” (p.11). Mas também, fez-se necessário que os futuros professores construam atividades para trabalhar que favoreçam as diferentes leituras com estratégias cognitivas e ritmos de aprendizagem, apropriadas para que o aluno aprenda de forma mais ativa, participativa. Esta compreensão reflete a percepção das relações entre o espaço geográfico onde se vive as formas, cores, cheiros, medos, imagens na memória, os lugares, os significados, os valores, o que esta invisível, a subjetividade do espaço. A compreensão da leitura de mundo e realidade se prende dinamicamente, por isso mergulhar os futuros professores nas escolas. As relações de ordem econômica, política e social que se manifesta no município se expressam em ordem mundial, o município constitui-se um exemplo concreto de como funciona a sociedade, de como nele se constrói o espaço geográfico, mesmo morando em áreas rurais o ritmo acelerado da inovação tecnológica, o encurtamento das distâncias por meio da internet a diminuição do tempo de percurso das comunicações e dos transportes aproxima os lugares e estreita a relação com os problemas mundiais, o que fortalece a idéia de comunidade global e o sentimento de ser cidadão do mundo, assim chegamos ao século XXI, marcado por transformações econômicas, sociais e culturais sem precedentes na história. (SANTOS, 2008). No espaço geográfico cada vez mais urbanizado, os jovens tornaram-se a matriz de uma mudança cultural no sentido mais amplo, assim na busca de preparar os alunos universitários licenciados em Geografia para viver esse tempo, no início de suas atividades na docência para uma geração do futuro, que entendemos a necessidade da inserção de propostas pedagógicas que possam somar a construção de

saberes, vislumbrando um ensinar mais significativo, vivenciando experiências por meio de uma atuação conjunta com os discentes universitários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aproveitamento das sobras pode gerar sustentabilidade ambiental e a sobrevivência desta população, mas não contribui para que este trabalho seja visto com respeito e valorização deste trabalhador, considerando o jeito de viver na sociedade capitalista, que exclui os que não podem comprar, valoriza os que podem pagar o novo e estimula o consumo. Conforme afirma Velloso (2005, p. 1959): “Na sociedade atual o homem é valorizado pelo que consome.” A impossibilidade de comprar o necessário para suprir suas necessidades básicas gera uma punição social que exclui da sociedade o catador e sua família, uma vez que viver do lixo é viver do que foi considerado inútil, sem valor e utilidade. Os efeitos psicossociais de buscar o sustento para si e para sua família no lixo gera um sentimento de vergonha em função do desprezo e expulsão social, leva os catadores a desejarem outra situação para seus filhos, que também são vítimas dos perigos e preconceitos, excluídos e vistos como filhos de lixeiros (MEDEIROS; MACEDO, 2006).

Pensando em promover a dimensão educativa e processos de humanização e libertação da opressão sofrida pelos catadores analfabetos ou analfabetos funcionais, que efetuam trabalhos clandestinos desvalorizados no mercado de trabalho formal, encontramos apoio teórico no campo da psicologia social comunitária dentro de uma proposta de conscientização e participação comunitária, com autores como Freitas (2003, 2005, 2008) e Lane (1981 2001); e na educação com Paulo Freire (1987, 1996, 2000), em sua veemência em arquitetar propostas que levassem as pessoas a refletir sobre os problemas no cotidiano, buscando através do diálogo debater propostas críticas e conscientes o bastante para conhecer as questões sociais e políticas que estão a sua volta e saber se posicionar sobre elas; não ficar apenas como expectadores ou receptores, procurando conscientizar-se, escolhendo, decidindo, prevendo e promovendo saídas.

É neste sentido que entendemos que se deve oportunizar aos catadores, não de uma maneira imposta, mas de forma significativa, com olhar crítico sobre a realidade. Conforme Freire (1987, p. 30), quando se entende a própria realidade, pode-se levantar suposições sobre ela, prever soluções e também transformá-la positivamente. Segundo Freitas (2002), Paulo Freire desenvolveu estudos que contribuíram para reflexão e ação transformadora sobre a opressão e a submissão que vivia a sociedade brasileira. A educação professada por Paulo Freire, também chamada de Educação Dialógica, é fundamentada no diálogo coletivo sobre a realidade vivida, sob o foco de uma situação-problema de modo que se ampliem as possibilidades de compreensão dos problemas que estão emersos. Problematizar a realidade da comunidade dos catadores significa mergulhar nos significados para buscar saídas no enfrentamento do cotidiano de exclusão social, da condição de oprimidos, instigando a libertação para transformar estas condições desumanas no sentido da compreensão de que a sua história pode ser modificada pela sua

ação, como sujeito de sua vida. Para os iniciantes na docência envolvidos nas aulas de campo em observação, descrição e análise do espaços urbano, assim como sua representação construíram possibilidades de aprendizagem através de várias linguagens da realidade possíveis de ser utilizadas no Ensino da Geografia.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOSI, A. de P. A organização capitalista do trabalho “informal”: o caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 67, junho/2008, p. 101 – 117.

CARMO, S. A semântica do lixo e o desenvolvimento socioeconômico dos catadores e recicláveis: considerações sobre um estudo de caso múltiplo em cooperativas na cidade do Rio de Janeiro. **Cadernos EBAPE.BR**, v.7, n. 4. Rio de Janeiro, dez. 2009, p.591 - 606.

CHAVES,P. F.**Famílias de catadores de resíduos sólidos urbanos na perspectiva da Educação Ambiental: condições de risco e processos de resiliência**. Mestrado em Educação, 2011.

CUNHA ,M. R. R. L. da.Lixo, identidade e trabalho: a construção da identidade dos catadores de materiais recicláveis associados de Goiânia.**Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 14, n. 1, jan./jun. 2011 p. 53-61.

DALL’AGNOL, C. M.; FERNANDES, F. dos S. Saúde e autocuidado entre catadores de lixo: vivências no trabalho em uma cooperativa de lixo reciclável. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 15, número especial, set./out. 2007, p. 729 - 35.

FERRAZ, L.; GOMES, M. H. de A. Uma existência precarizada: o cuidado da prole no trabalho de catação de material reciclável. **Revista Sociedade e Estado**, v. 27, n. 3, set./dez. 2012.P. 662-678.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1987.

_____. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**.São Paulo: UNESP, 2000.

FREITAS, M. de F. Q. de. Prácticas em comunidad y psicologia comunitária. In: MONTERO, M. (Org.). **Psicología social comunitária: teoría, método y experiencia**.Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2002, p. 13 – 166.

_____. Docência, vida cotidiana e mundo contemporâneo: que identidades e que estratégias de sobrevivência psicossocial estão sendo construídas? **Educar em Revista**, ed. especial. Curitiba: UFPR, 2003, p. 137 – 150.

_____. (In)coerências entre práticas psicossociais em comunidade e projetos de transformação social: aproximações entre psicologias sociais da libertação e comunitária. **Psico**, v. 36, n. 1. Porto Alegre: PUCRS, 2005, p.47 - 54.

_____. Estratégias de ação comunitária e mudança social: relações da vida cotidiana e dos processos de participação. In: DIMENSTAIN, M. (Org.). **Psicologia social comunitária: aportes teóricos e metodológicos**. GT. Psicologia Comunitária/ANPEPP. Natal: EduFRN, 2008, p. 23 – 42.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional de saneamento básico** – 2008. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Os que sobrevivem do lixo**. v.10, n.77, 7 out. 10/2013.

JUNCA, D. C. M. **Mais que sobras e sobranças: vida e trabalho no lixo**. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2004.

LANE, S. T. M. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. A psicologia social e uma nova concepção de homem para a psicologia. In: LANE, S.T.M.; CODO, W. **Psicologia social: o homem em movimento**. 13. Ed. 3. reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2001, p. 10 – 19.

LEONE, E. T.; MAIA, A. G.; BALTAR, P. E. Mudanças na composição das famílias e impactos sobre a redução da pobreza no Brasil. **Economia e Sociedade**, v. 19, n. 1. Campinas, 2010.

MACIEL, R. H.; MATOS, T. G. R.; BORSOI, I. C. F.; MENDES, ^a B. C.; SIEBRA, P. T.; MOTA, C. A. Precariedade do trabalho e da vida de catadores de recicláveis em Fortaleza, CE. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, v.63, n.especial, 2011. p.1-104.

MACIEL, R. H. T.; MATOS G. R.; MAIA L.M. Catadores de material reciclável e identidade social: uma visão a partir da pertença grupal. **Interação Psicologia**, v. 16, n. 2. Curitiba, jul./dez. 2012, p. 239 – 247.

MEDEIROS, L. F. R.; MACEDO, K. B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Psicologia & Sociedade**, v. 18, 2006, p. 62-71.

MEDINA, M. **The world's scavenger: salvaging for sustainable consumption and production**. Reino Unido: Altamira Press, 2007b. p. 72-94.

MORAES, M. S.; SIQUEIRA, M. M. Saúde Coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n.2, 2007. p.2115-2122

Tornar-se catador: uma análise psicossocial. Dissertação (Mestrado em Psicologia). São Paulo: PUC, 2004.

MIURA, P. O.; SAWAIA, B. B. Tornar-se catador: sofrimento ético-político e potência de ação. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 2, 2011 ou 2013, p. 331- 341.

MORAES, M. S.; SIQUEIRA, M. M. Saúde Coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n.2, 2007. p.2115-2122.

PEREIRA E. R.; COSTA, R. M.; SILVA, A.; MELLO F. P. de, OLIVEIRA D. C. de, SILVA M. A.. Representações sociais dos catadores de um aterro sanitário: o convívio com o lixo. **Psicologia: teoria e prática**, v. 14, n. 3, 2012, p. 34-47.

PORTO, M. F. de S.; JUNCÁ, D. C. de M.; GONÇALVES, R. de S.; FILHOTE, M. I. de F. Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 20, n. 6, 2004, p. 1503 - 1514.

ROCHA, J. S. M. **Manual de projetos ambientais**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1997. 423p.

REGO, Nelson. **Geração de Ambiência - Conceitos articuladores**. Boletim Gaúcho em Geografia. Porto Alegre Volume 29. Volume I. p. 99-101. Janeiro de 2003.

_____. **Geração de Ambiência. Conceitos articuladores**. Terra Livre São Paulo. n.18. p. 1990-212. dezembro 2012.

SARTI, C. A. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas: Autores Associados, 1996.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174 p.

_____. **Metamorfose do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. Em colaboração com Denise Elias. 6. ed. São Paulo: Ed. Edusp, 2008.

SANTOS, G. O.; SILVA, L. F. F. da. Os significados do lixo para catadores e garis de Fortaleza. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 8, 2011, p. 3413 - 3419.

SOUSA, Cleide M.; MENDES, Ana M. *Viverdo lixo ou no lixo?* A relação entre saúde e trabalho na ocupação de catadores de material reciclável cooperativos no Distrito Federal com estudo exploratório. **Ciência & Saúde Coletiva**. v.6n.2 julho- dezembro 2006.p.13- 42.

SILVA, Marcelo Cozzensada. **Trabalho e saúde dos catadores de materiais recicláveis em uma cidade do sul do Brasil**. Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Medicina Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia. Tese de Doutorado. Pelotas.2006.

VELLOSO, M. P. Os catadores de lixo e o processo de emancipação social. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, 2005, p. 49 – 61.

_____; SANTOS, E. M. dos; ANJOS, L. A. do. Processo de trabalho e acidentes de trabalho em coletores de lixo domiciliar na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 13, n. 4, 1997, p. 693 – 700.